

O SERTÃO SEMIÁRIDO NAS LENTES DE “O QUINZE: TRAVESSIA”

Lorena Santiago Simas; Carla Conceição da Silva Paiva

Universidade do Estado da Bahia

lory-santiago@hotmail.com

ccspaiva@gmail.com

Resumo do artigo: Este artigo pretende analisar a representação social e a identidade do nordeste e do sertão semiárido em 2015, a partir da série de reportagem especial “O Quinze: travessia” apresentada em dezembro do mesmo ano, no Jornal Nacional, veiculada na rede Globo. A série foi inspirada na obra “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, e faz uma relação entre a seca de 1915 retratada no livro, e os efeitos do mesmo fenômeno climático após cem anos. Analisaremos o discurso-imagético da reportagem e como se dá a relação entre jornalismo e literatura nesse produto, mostrando que a ideia do sertão semiárido, miserável, seco e arcaico continua sendo veiculada pelas mídias. Para isso, nos embasamos nos estudos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Antônio Olinto, Serge Moscovici, Denise Jodelet, Stuart Hall, Luzineide Carvalho, dentre outras referências que colaboraram para a construção desta pesquisa.

Palavras-chave: Sertão semiárido, representação social, discurso-imagético, O Quinze: travessia.

Introdução

A seca do sertão nordestino começou a ser explorada pelos literatos brasileiros, a partir de 1877/79, quando aconteceu a chamada ‘grande seca’, que tomou intensa repercussão destacando problemas econômicos, políticos e desigualdades sociais como dificuldades implicadas por este fenômeno climático. Tornou-se uma questão de âmbito nacional, onde a imprensa midiática passou a destacar as mazelas deste local.

Dentre as obras literárias clássicas que abordaram a problemática da seca, podemos destacar “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha; “Vidas Secas” (1938), de Graciliano Ramos; “Morte e Vida Severina” (1967), de João Cabral de Melo Neto e “O Quinze” (1930), de Rachel de Queiróz, que serviu de inspiração para a elaboração da série de reportagem especial “O Quinze: travessia”. Abordaremos nesse artigo, essa série, focando a representação social e a identidade construída a partir do discurso imagético apresentado nesse tipo de audiovisual.

A imagem do sertão nordestino criado por esses autores povoou e povoa o imaginário de grande parte da população brasileira. As obras literárias das décadas de trinta, quarenta, cinquenta e sessenta, do século XX, de acordo com Albuquerque (2001), “tomarão o Nordeste como o exemplo privilegiado da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país” (p. 192). O nordeste se tornou o espaço das vidas infelizes, dos desafortunados, que precisam migrar de suas localidades em direção ao sul do país, para fugir dos ramos secos, da criação de animais esquelética, das casas de pau-a-pique, dos tanques vazios, da estiagem de chuva. A solução para que esses miseráveis não morressem de fome era partir para o sul, que se apresentava como uma libertação daquela vida mesquinha.

Essa imagem, construída a partir do período de estiagem, onde as chuvas são escassas, se perpetuou como única “estação” presente durante todo o ano, como se no nordeste, não existisse mais nada, além da seca. Desconstruir essa representação social imagética, referente ao sertão nordestino, mais especificamente do sertão semiárido, não é fácil, pois, até mesmo as mídias, que têm a função de difundir informações verídicas com criticidade, ficam presas a esses signos, reforçando ainda mais a ideia de sertão vazio, pobre e de dor, como alega Carvalho (2012):

(...) esse sertão semiárido é concebido como lugar de repulsa, de estranhamento, de hostilidade, cuja vegetação monótona, mas ao mesmo tempo agressiva (“trama espinescente”; “folhas urticantes”; “gravetos estalados em lança”, etc) só poderia ser “vencida” pelo sertanejo, cuja sobrevivência em tal ambiente foi comparada por Euclides da Cunha como a de um herói, expressando a famosa frase: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CARVALHO, 2012, p. 89).

A série de reportagem especial intitulada de “O Quinze: travessia” é uma evidência de que algumas mídias continuam afirmando esses estereótipos. A série, dividida em três episódios, foi exibida nos dias 28, 29 e 30 de dezembro de 2015, no Jornal Nacional, da rede Globo. Durante a sua apresentação, o âncora do Jornal, Willian Bonner expõe que a reportagem inédita, idealizada por ele, tem o objetivo de relacionar a obra “O Quinze”, que retrata a seca do Ceará, em 1915, com a seca de 2015, para mostrar ao povo brasileiro que, apesar de passados cem anos, a situação problemática da seca continua a mesma. Os nordestinos continuam sofrendo e migrando para outras regiões.

Entretanto, identificamos que uma reportagem no mesmo padrão, relacionando a obra literária com a realidade atual, já havia sido exibida em abril de 2015, pela TV Verdes Mares, filiada da rede Globo que produziu a reportagem “Cem anos da seca”, percorrendo os cenários retratados no livro “O Quinze”. E, no mês de outubro, do mesmo ano, a Globo *News*, apresentou o documentário “Morte e vida Severina: 60 anos depois”, refazendo o caminho do personagem do poema de João Cabral de Melo Neto. Porém, as matérias elaboradas pela TV Verdes Mares e Globo *News* relacionaram o cenário da seca há 100 e 60 anos, mostrando que o tempo seco ainda acomete o sertão semiárido, porém também existe o tempo de chuva. E, a população sertaneja aprendeu práticas de convivência com a seca, nos períodos de estiagem, e não deseja mais abandonar o sertão semiárido.

Para fazer essas relações entre ficção e realidade foram empregados os gêneros jornalismo e literatura utilizados há anos, para representar a imagem da região nordeste como um todo. De acordo com Albuquerque (2004), o jornal o ‘Estado de São Paulo’ foi o primeiro a divulgar imagens representativas do nordeste, onde se destacava “a inferioridade racial dos nordestinos como responsável pelo aparecimento dos “fanáticos boçais” que se disseminavam por toda parte na região” (ALBUQUERQUE, 2004, p.44), e dos bandidos que espalhavam violência, com o objetivo de afirmar que os nordestinos eram burros, ladrões, uma raça inferior, e evidenciar a superioridade dos paulistas, através do discurso regionalista.

As notícias veiculadas na imprensa do sudeste e as produções literárias, como ‘Os Sertões’, do jornalista Euclides da Cunha, que relata momentos vivenciados durante a ‘Guerra de Canudos’, na Bahia, traz impressões do autor sobre a região e fatos fictícios, criados a partir de sua imaginação, foram interpretados pela maioria da população como fatos reais, atribuindo ao nordeste características pejorativas. A obra de Rachel de Queiroz também contribuiu para a solidificação dessas ideias preconceituosas. Apesar de ter vivenciado a realidade da seca no nordeste quando

criança, Queiroz construiu uma história reafirmando os estereótipos, onde fome, miséria, seca, morte, falta de água e imigração são os predicados principais da região. Apresentando a saga do vaqueiro Chico Bento e sua família, que diante das mazelas ocasionadas pela seca, tentam fugir de Quixadá, no Ceará com destino a capital Fortaleza.

Esses discursos imagéticos que tratam do nordeste como local miserável, de mestiços, foram criados, segundo Albuquerque (2004), para inferiorizar a região, impossibilitando, essa que foi o berço da nação, de se tornar a representação identitária do Brasil e dos brasileiros. Apesar, de vários anos terem se passado, e essa busca por uma identidade nacional adormecido, as mídias continuam tratando o nordeste, principalmente o sertão semiárido como ‘região problema’. Temos como exemplo, a reportagem audiovisual “O Quinze: travessia”.

Representação social e identidade do sertão semiárido

As representações sociais estão presentes nos discursos, nas palavras, nas mensagens e imagens midiáticas. Para Jodelet (2001):

(...) representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário (JODELET, 2001, p. 22).

Ainda de acordo com Jodelet (2001), as redes de comunicação são fatores determinantes para a construção representativa. As ideias que são transmitidas através das mídias contribuem significativamente para a edificação da representação de um determinado grupo ou espaço. A comunicação desempenha assim, um papel importante nas trocas e interações para a invenção de um universo consensual, em que um grupo de sujeitos tenha a mesma representação sobre dado objeto. A representação social se torna, dessa forma, algo comum a um grupo de pessoas. Como expõe Moscovici (2001), “cada vez que um saber é gerado e comunicado torna-se parte da vida coletiva” (p.63).

O conceito de representação social do sertão difundiu-se a partir do discurso imagético que foi obtido através das mídias como livros, cinema, pinturas, televisão que exibiam uma ideia pejorativa sobre o sertão, que de tanto ser disseminada sempre pelos mesmos ângulos, foi consolidada na mente da população. A comunicação informal ou midiática realizou essa função, no momento em que a população brasileira pouco sabia sobre a região nordeste, utilizando a técnica de objetivação e ancoragem. Segundo Jodelet (2001), a objetivação pretende tornar o desconhecido familiar, de

pertença social dos sujeitos; e a ancoragem, realiza intervenção ao longo do processo de formação da representação, integrando o objeto ao universo do social.

No caso do nordeste foi objetivada a seca, tornando-a conhecida, natural, pertencente aos sujeitos; e a ancoragem a partir do pensamento preexistente da seca, estabeleceu uma rede de significações em torno dela, disseminando esta imagem, como característica principal do nordeste e do sertão semiárido. Assim, foi formada e difundida a identidade dessa região que conhecemos hoje. Hall (2011) expõe que:

(...) a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de incerteza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. (HALL, 2011, p. 39).

Conseqüentemente, a composição de nossa identidade parte do que os outros pensam sobre nós, a construção da representação social, que se caracteriza pelo senso comum sobre algo, interfere significativamente na identidade dos sujeitos. Apesar da representação do sertão está concretizada no imaginário dos indivíduos, é possível modificá-la, pelos mesmos veículos de comunicação, que tem poder determinante na construção do pensamento dos sujeitos.

Segundo Flament (2001), a representação social do sertão se comporta como um esquema normal, ou seja, não é necessário que a situação em relação ao princípio organizador, que é o núcleo central, a coluna/base que dá sentido a representação social, neste caso, o sertão, seja analisado a cada instante. Quando o sujeito pensa no sertão nordestino, ele se reporta aos objetos seca e pobreza, e os tem como representação desse local, pois o objeto possui uma relação de simbolização e de interpretação.

Partindo desses conceitos, utilizaremos a análise do discurso-imagético que de acordo com Joly (1996), infere em “decifrar as significações que a ‘naturalidade’ aparente das mensagens visuais implica” (p. 43), uma naturalidade que devemos suspeitar, pois possuem uma intencionalidade. Para Pinto (1999), “o analista de discursos é uma espécie de detetive sociocultural. Sua prática é primordialmente a de procurar e interpretar vestígios que permitem a contextualização” (p.22) seja em um contexto situacional, institucional ou sociocultural. A partir desses julgamentos, observaremos a representação social e a identidade do sertão nordestino, através da série de reportagem especial “O Quinze: travessia”, que mescla jornalismo e literatura.

Jornalismo literário

Os literatos muitas vezes se inspiram no jornalismo para suas produções, e os jornalistas também buscam na narrativa literária uma estrutura para o seu texto, se apropriando de algumas características da literatura, como a descrição, leveza, subjetividade e estética para atrair a atenção e o interesse do leitor/telespectador sobre a temática apresentada, se aprofundando nos detalhes. Dessa forma, o leitor mergulha e se sente dentro da história.

O jornalismo literário também chamado jornalismo narrativo (ARAÚJO, 2002), ou novo jornalismo (TALESE, 2004), permite que o repórter tenha a liberdade de utilizar a sua percepção, seu olhar em torno do objetivo de sua matéria, tornando a reportagem subjetiva. Ao utilizar de aspectos literários, abre-se espaço também para técnicas ficcionais, porém, o emprego desses elementos para dar forma à reportagem, pode comprometer a veracidade da informação. Para que essa lacuna não exista, deve-se enfatizar o que é real, ficção ou simulação. Dessa forma, jornalismo e literatura podem caminhar juntos, respeitando os limites que os caracterizam.

O jornalismo literário é mais utilizado no impresso, mas com o objetivo de conquistar o telespectador, o telejornalismo está investindo nesse gênero. Segundo Cajazeira (2010), “No telejornalismo, o repórter fornece ao cidadão a possibilidade de fuga do anonimato, recurso que se tornou célebre na forma de narrar os fatos” (p.2), com uma abordagem mais criativa do fazer reportagens. Como exemplo de jornalismo literário televisivo, podemos citar a série de reportagem especial “O Quinze: travessia”, que analisaremos a seguir.

Análise do discurso imagético de “O Quinze: travessia”

A série de reportagem especial “O Quinze: travessia”, apresentada no Jornal Nacional, dividida em três partes, traz características do jornalismo literário, onde o repórter tem liberdade para ser criativo e apresentar a sua subjetividade. Além disso, a reportagem busca ilustrar, 70 anos após o livro ser publicado, as imagens ficcionais da seca de 1915, apesar da situação atual ser completamente diferente.

O audiovisual inicia com a câmera se aproximando de uma casa simples, com uma cisterna ao lado, uma cerca formada por estacas (palafitas), o chão batido, e o verde de algumas árvores, em meio à paisagem de cor quente. O *off* conta a história de que naquela casa viveu Rachel de Queiroz, e imagens de uma menina no terreiro da casa, representando a autora quando criança são exibidas, porém essa simulação não fica clara para o telespectador. Conta-se ainda, que a ideia de escrever o

livro “O Quinze” surgiu naquela casa, deixando a entender que a menina com apenas cinco anos de idade, já planejava escrever a obra.

A câmera vai ‘passeando’ pela casa, mostrando móveis e objetos antigos, e a história de Rachel vai sendo narrada, destacando que depois de viver aquela dura realidade, decidiu escrever uma ficção muito próxima da realidade, expondo a trajetória do personagem Chico Bento, que não enxergando possibilidade de viver no sertão, viaja junto com sua família para Fortaleza. Nesse momento, animações em forma de sombras aparecem representando os retirantes, partindo da casa que no início da série de reportagem especial foi apresentada como sendo de Rachel, e nenhuma legenda com o nome ‘simulação’ é apresentada ao telespectador.

Na primeira passagem de Felipe Santana, é apresentado ao público o objetivo da série, que se detém a seguir o mesmo trajeto do personagem fictício Chico Bento, de Quixadá- Fortaleza (CE), mostrando o quanto de 1915, ainda existe em 2015, e na imagem de fundo, uma vegetação seca, torrada pelo sol. A partir daí, fica clara a finalidade principal da reportagem, mostrar que apesar de terem passados cem anos, o nordeste continua sofrendo com a problemática da seca, pobreza, escassez de água, sofrimento e dor, objetivando reafirmar mais uma vez, a representação discursivo-imagética de um espaço que não pode prosperar.

Após ler o seguinte trecho da obra “O Quinze”: “E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja a agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos” (QUEIROZ, 2004, p.18), o repórter completa afirmando que essa imagem só muda, quando se avista um descampado. As imagens são desoladoras, de seca e vegetação aparentemente morta, não se avistando um verde sequer.

A figura do nordeste e do sertão semiárido não se resume a galhos secos e descampado. De acordo com Carvalho (2012), essa região é composta pelo “tempo seco, momento em que a natureza vai perdendo sua exuberância e produtividade e tempo verde, período em que as plantas nativas frutificam” (p.93) e a chuva possibilita boas condições para o ciclo produtivo.

O primeiro personagem, o agricultor, Idelfonso Cavalcanti, que junto ao filho pequeno, corta a vegetação seca, com esperança de que haja chuva, para poder plantar, diz: “Temos que limpar esse pedaço de chão, para no próximo ano, Deus mandar uma chuva boa e a gente poder plantar”. Para muitos sertanejos católicos a água aparece como ‘vontade de Deus’, (CARVALHO, 2012).

Francisco da Silva sai de sua casa todos os dias em busca de água para o gado. Em sua carroça vai seguindo pela estrada, até encontrar algum poço que ainda tenha água. Nesse trecho, a

imagem exibida é do homem na carroça, trafegando por uma rodovia asfaltada, que é apresentada pelo repórter, como a grande oportunidade para que os moradores da região partam dali.

A seguir, a agricultora Maria Isabel, alega não saber quantos anos tem, nem quantas secas já vivenciou. A imagem da mulher é capturada em *plongée*, mostrando-a frágil, pequena e diminuída; depois cozinhando, em um fogão a lenha, evidenciando que sua única preocupação diária é saber onde conseguirá água para realizar os afazeres domésticos. A imagem de Isabel, cavando o chão seco e cheio de pedras, infere sobre a infertilidade daquela terra. O repórter conclui, com uma ideia clichê e estereotipada, de que só quem é corajoso e forte consegue viver nessa situação, e finaliza com um contra luz, evidenciando o sol e os galhos secos da vegetação.

Na segunda parte da série de reportagem especial é frisado que a estiagem ainda expulsa os moradores da região, exibindo a imagem de um rio seco, de chão batido, onde antes corria muita água. Ao chegar à cidade de Capistrano, a câmera foca em várias placas de ‘vende-se está casa’, com o intuito de afirmar que toda a população deseja ir embora daquele local, no entanto, nenhum dado estatístico, por exemplo, de quantas famílias residem ali, e quantas desejam se mudar, é apresentado.

Fazendo referência à obra de Rachel, cita o trecho, em que Chico Bento recebe uma carta, com os seguintes dizeres:

Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo... (QUEIROZ, 2004, p. 25)

Em alusão a esse fragmento, o repórter questiona sobre o que motiva os sertanejos a ficarem nesse lugar, e o que os impede de sair. E, ainda ressalta que o desejo de deixar o sertão já estava no livro de Rachel há cem anos, alegando que essa vontade ainda existe hoje. Porém, de acordo com o Censo 2010, a situação se inverteu, na última década, a maioria dos migrantes retornou a sua terra natal, especialmente para a região nordeste. Já, o estado de São Paulo que mais recebia retirantes antigamente, teve seu cenário alterado, pois entre 2004 e 2009, o número de pessoas que saíram foi 24 mil vezes maior, do que as que chegaram.

A agricultora Ivani Gomes, que também não pensa em ir embora do sertão nordestino, mora numa casa humilde, onde a cisterna que enche com a água da chuva, se apresenta para ela como uma benção. Estes reservatórios de água foram desenvolvidos por projetos governamentais com o intuito de auxiliar os moradores a conviverem com o período de estiagem. Carvalho (2012) destaca

que as famílias devem “manter as cisternas limpas e fechadas, e uso exclusivo de um vasilhame para evitar a contaminação e manter a água com qualidade para o consumo humano” (p. 179).

Seguindo os passos de Chico Bento e sua família, chega-se a uma estrada de terra, em que suas laterais estão cobertas por uma vegetação verde, viva, mais isso não é citado. Nesse momento, é narrado mais um trecho do livro “O Quinze”, que relata o instante, em que um dos filhos de Chico, desesperado de tanta fome, encontra no caminho uma mandioca, e a come crua, se envenenando e morrendo. Apenas nesse trecho é apresentado um dado real, apontando que o índice de mortalidade infantil no nordeste é o mesmo que em todo o Brasil, porém a informação não é apresentada estatisticamente.

Mesmo com depoimentos de moradores, que apesar das adversidades do período de estiagem, não desejam abandonar o sertão nordestino, o repórter insiste em afirmar que os moradores desejam ir embora, devido às dificuldades recorrentes. No entanto, Carvalho (2012) aponta que os sertanejos estão aprendendo a conviver com a seca, e que os projetos desenvolvidos voltados à convivência, como a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) e a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (Resab) garantem acesso à água, educação de qualidade e outros direitos.

No último episódio da série de reportagem especial, é apresentada uma ideia contraditória, pois anteriormente foi abordado que o sertanejo anseia deixar o sertão cearense, e agora, destaca-se que as pessoas que foram expulsas do Ceará pela seca, acreditam que é possível viver no sertão. A imagem apresentada é de um açude que secou, dando lugar a um terreno fértil, onde se pode plantar.

Chegando à cidade de Baturité, as cenas modificam, some a cor ocre, dando espaço ao verde, porém mostrasse uma barragem, principal fonte de abastecimento de água da cidade, que está secando. Até esse momento, todos os personagens que apareceram estavam sempre isolados, distantes do mundo, a maioria sozinhos, com vestimentas simples, quase sem voz, como se fossem os únicos moradores das cidades apresentadas. Já em Baturité, se exibiu a vegetação verde; e a feira livre, aludindo que onde há verde, existe maior circulação de pessoas.

Na feira, a câmera utilizou vários cursos, mostrando um pouco do cotidiano local, a movimentação dos feirantes e dos clientes, até que o repórter faz um questionamento lamentável: Se você fosse jovem aqui o que pensaria do futuro? Dando a entender que os jovens que moram em Baturité, não tem nenhuma perspectiva de crescimento, ou objetivos, pois residem em uma ‘cidadezinha’ do interior do Ceará. Mas, os jovens entrevistados responderam algo que o repórter não esperava, que desejam crescer profissionalmente, e contribuir com o desenvolvimento da sua cidade, não tendo pretensão alguma de ir embora.

Logo após, imagens capturadas do alto, mostram a igreja local repleta de cristãos. E os personagens, ao darem os depoimentos relatam seus pedidos em torno do desejo por chuva no sertão. Segundo Carvalho (2012), o fim da escassez de água “pode ser conseguido por meio dos santos, de promessas e romarias” (p. 93), afirmando a religiosidade do povo sertanejo.

Como a barragem que abastece a cidade está secando, Baturité e outras cidades do Ceará (como expõe o repórter), recebem água através de carros-pipas que chegam de vários locais, onde os ‘pipeiros’ para abastecer o carro seguem por rodovias e estradas difíceis de trafegar.

Chegando a Fortaleza, ‘primeiro destino de quem corre contra a seca’, de acordo com “O Quinze”, o repórter apresenta o local, onde o trem parava trazendo os retirantes, que ficavam no campo de concentração, sendo vigiados pela polícia. O enquadramento que estava fixo no primeiro plano vai abrindo, até que é possível ter uma dimensão da cidade de Fortaleza, que se diferencia das imagens anteriores.

O repórter afirma que o cenário descrito por Rachel de Queiroz, agora foi visto por todo o Brasil. Na imagem de fundo, a câmera passa rente ao chão, focando as rachaduras do terreno. Após essa cena estereotipada do sertão, mostra-se as barragens Cantareira, em São Paulo; Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro; e Furnas, em Minas Gerais, imagens capturadas do alto, onde não se dá muita ênfase ao terreno de chão rachado que ali também predomina. Reportando-nos a algumas matérias sobre o baixo nível de água nas barragens do sudeste, não se falando em seca, mas sim crise hídrica, como se o fenômeno climática da seca, ocorresse apenas no nordeste.

O repórter narra ainda que os refugiados da seca se misturam nas cidades, nas ruas, e nas periferias. A imagem que representa está situação é um homem dormindo no meio da rua e outro bêbado sendo carregado. Sujeitos representados como indivíduos sem educação, moradores de rua, que devem se adequar as condições que encontram na ‘cidade’. Como relata Albuquerque (2004), os nordestinos eram e ainda são considerados “homens submissos a Deus, à natureza, ao patrão e ao governo. Homens devorados por uma sociedade, em que eram impotentes para mudá-la” (p.200). A reportagem finaliza com cenas chavões: sol, galhos secos, casa de pau-a-pique e pessoas solitárias.

Considerações finais

A representação social e a identidade do nordeste, em especial do sertão semiárido, que comumente são disseminadas por meio da literatura, do cinema, das artes plásticas, e também do jornalismo, como podemos observar, ao analisar a série de reportagem especial “O Quinze: travessia” continua em muitos casos, reforçando os estereótipos construídos há mais de cem anos,

retratando “a imagem da penúria ligada às secas e às calamidades sociais, alimentando um discurso da vitimização do sertanejo; produzindo uma cultura do coitado” (MARTINS, p.8).

Mesmo com o visível avanço da região, muitas mídias continuam povoando o imaginário da população com ideias retrógradas. De modo que o indivíduo que não conhece a localidade, mas já leu obras como “Vidas Secas”, “Os Sertões” e “O Quinze”; assistiu a filmes baseados nesses clássicos; e observou matérias jornalísticas, produzidas principalmente pela região sudeste do país, tem uma ideia formada de que o sertão nordestino é miserável; as pessoas não tem educação, são mulambadas, fedorentas, e a falta de água é um problema sério na localidade. Essas pessoas ao assistirem “O Quinze: travessia” irão cristalizar a imagem pejorativa que se tem sobre esta região.

A partir da análise do discurso imagético, percebemos que a reportagem é tendenciosa, e os personagens são direcionados em suas falas. Nas imagens, os signos estereotipados que representam o sertão no imaginário da população, e o preconceito com os nordestinos são evidentes. A reportagem não condiz com a identidade do sertanejo, nem do sertão.

Não queremos aqui negar o fenômeno climático da seca, que é cíclico, mas sim problematizar a representação social e a identidade do sertão nordestino, perante os meios midiáticos, pois a reportagem foi preconceituosa, evidenciando que a região nordeste, principalmente o sertão semiárido é atrasada, e que a população continua querendo fugir de suas cidades interioranas, em busca de oportunidades nas cidades grandes, assim como fez o personagem Chico Bento, há cem anos, porém esse fato não acontece como antigamente.

Na construção dessa narrativa estereotipada foi utilizado o gênero jornalismo literário, que possibilitou o uso de artifícios como a ficção e a simulação para atrair a atenção do telespectador, porém essas técnicas não foram expostas como tal, não diferenciando o real do ficcional. Apesar da tentativa de conquistar olhares, a população sertaneja do nordeste não reconheceu naquelas cenas, a sua identidade. Podemos concluir que o objetivo principal de “O Quinze: travessia” era reforçar as mazelas ocasionadas pela seca, como se a estiagem de chuva só acontecesse nessa região. Após expor a estereotipia nordestina presente nessa série de reportagem especial, destacamos que a temática não se esgota aqui, pois pode ser explorada por diversas vertentes em diferentes mídias.

Referências

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Carlos Magno. **Amor à palavra**. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2002.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. O texto de TV e o novo jornalismo literário. In: **Mediação**. Rio de Janeiro, v11, n 10. 2010. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/307>. Acesso em: 24 abr. 2016.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência**: novas territorialidades no semiárido brasileiro. Jundiaí: Paco Editora, 2012.

FLAMENT, Claude. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 173-186.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ tradução Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

JOLLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas** - o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3ª edição. São Paulo: Manole, 2004.

MARTINS, Josemar da Silva. **Os sentidos da educação escolar na metáfora do desenvolvimento sustentável do sertão semiárido**: o caso do povoado do São Bento. 2002. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- L'Université Du Quebec à Chicoutimi, Quebec.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 45-67.

NUNES, Luciano. Sudeste já não é sonho de migrantes e Nordeste desacelera evasão, diz IBGE. In: **O Estado de São Paulo**. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,sudeste-ja-nao-e-sonho-de-migrantes-e-nordeste-desacelera-evasao-diz-ibge,745564>. Acesso em: 22 abr. 2016.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução a análise de discurso. Hacker editores, 1999.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.